

CRUSTACEA LIBRARY
SMITHSONIAN INST.
RETURN TO W-1193
O GÊNERO *AEGLA* NO RIO GRANDE DO SUL, BRASIL
(CRUSTACEA, DECAPODA, ANOMURA, AEGLIDAE)¹

LUDWIG BUCKUP e ANA ROSSI*

Departamento de Zoologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul,
Porto Alegre, Rio Grande do Sul

(Com 6 figuras no texto)

Em seu trabalho monográfico sobre o gênero *Aegla*, em 1942, Schmitt fez um amplo e minucioso estudo histórico do grupo, realçando o fato de que durante muito tempo os autores imaginavam tratar-se de um gênero monotípico, apoiado em *Aegla laevis* (Latreille, 1818), procedente do Chile. O primeiro registro de ocorrência de uma *Aegla laevis* em outra região sul-americana, que não fosse o Chile, coube a Martens (1969: 14), que descreve diversos exemplares coletados por Friedrich Sellow em 1831 nas cercanias de Porto Alegre e por R. Hensel nos riachos das florestas do "Rödersberg", no Estado do Rio Grande do Sul. Considerando-se que o nome *Aegla laevis* (Latreille, 1818), na opinião de todos os autores contemporâneos, deve ficar limitado a uma população da Província de Santiago, no Chile (neótipo fixado por Schmitt, em 1942), restaria verificar a qual das 26 espécies e subespécies atualmente conhecidas do gênero corresponde a *Aegla laevis* de Martens. As observações de Martens são bastante sucintas e sua afirmação de que não teria encontrado diferenças específicas entre os exemplares chilenos e brasileiros ("Artunterschiede konnte ich zwischen den chilenischen und den brasilianischen Exemplaren nicht finden") não deixa de causar surpresa. Schmitt (1942) declarava que os exemplares descritos por Martens ainda existiam, mas seria impossível determinar o que ele ou, de fato, qualquer outro autor citado

em seu trabalho, considerou ser *Aegla laevis*. Tudo indica que o material de Sellow, coletado em Porto Alegre, seja *Aegla platensis* Schmitt, 1942, a única espécie que ainda hoje ocorre, sozinha, nos riachos que descem dos morros graníticos e, atravessando o Município de Porto Alegre, alcança a margem esquerda do Rio Guaíba. Quanto a denominação geográfica "Rödersberg", segundo historiadores consultados, parece tratar-se de uma grafia modificada do atual "Reutersberg" ou Morro Reuter, vila no Município de Dois Irmãos, Estado do Rio Grande do Sul. Os riachos que nascem na região correm para o Rio Caí, que constitui um afluente do Rio Jacuí. No entanto, os autores ainda não encontraram *Aegla platensis* na bacia do Rio Caí. Em 1901, Moreira volta a mencionar *Aegla laevis* como presente no Rio Grande do Sul, referindo-se ao mesmo material citado por Martens.

Schmitt (1942), identifica alguns exemplares existentes no United States National Museum, doados por Hermann von Ihering e procedentes do Rio Grande do Sul, como sendo *Aegla platensis* Schmitt 1942 (Loc. tip. Buenos Aires, Argentina). A procedência exata deste material sul-riograndense, no entanto, não se tornou conhecida.

Diante deste panorama relativamente pobre em dados sobre o gênero *Aegla* no Rio Grande do Sul, que contrasta flagrantemente com a riqueza de sua ocorrência nos diversos ambientes límnicos do Estado, resolveram os autores examinar o problema mais a fundo, revisando as principais coleções zoológicas da região e coletando material. Os

¹ Recebido para publicação a 3 de fevereiro de 1977.

* Bolsista do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq).

resultados desta iniciativa são apresentados no presente trabalho, destacando-se a identificação da área real de ocorrência de *Aegla platensis* e a descrição, nesta primeira etapa, de seis espécies novas.

As coleções científicas nas quais se encontra o material examinado ou descrito no presente trabalho estão identificadas, no texto, na seguinte forma: DZ.UFRGS – Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil; MFZB – Museu de Ciências Naturais da Fundação Zoo-Botânica do Estado do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Brasil. Os desenhos que acompanham as descrições das espécies novas foram executados pelos autores.

Os autores desejam expressar os seus agradecimentos ao Prof. Dr. Raul A. Ringuelet, do Museo de La Plata, Argentina, pela colaboração recebida e pelas suas valiosas sugestões sobre diversas espécies novas descritas neste trabalho. Manifestam, ainda, o seu reconhecimento à Direção do Museu de Ciências da Fundação Zoo-Botânica do Estado do Rio Grande do Sul, especialmente na pessoa de sua ex-Diretora Jocélia Grazia-Vieira, pelas facilidades proporcionadas para o exame das coleções daquela instituição.

Aegla platensis Schmitt, 1942

Aegla platensis Schmitt, 1942, p. 464, fig. 45/6, pl. 25, C.

Localidade típica: “Isla Flores” (? Tigre, Buenos Aires, Argentina).

Distribuição: Argentina (Buenos Aires, Tigre, Tucuman), Uruguai (Prado, Arroyo Miguelete, Montevideo, Bahia de Colonia), Brasil (Rio Grande do Sul) (Schmitt, 1942); Paraguai (Colonia Independência) (Ringuelet, 1959).

Material examinado: Estado do Rio Grande do Sul, Brasil, Arroio Dilúvio, Parque Saint’Hilaire, Porto Alegre: 1 fêmea ovada (185 ovos), 1/5/1975 (Col. DZ. UFRGS nº 00217); 7 machos e 16 fêmeas, 1/5/1975 (Col. DZ. UFRGS nº 00088); 16 machos e 15 fêmeas, 1/5/1975 (Col. DZ. UFRGS nº 00084); 1 macho e 1 fêmea, 19/7/1975 (Col. DZ. UFRGS nº 00092); 9 machos e 2 fêmeas, 9/9/1975 (Col. DZ. UFRGS nº 00218); 6 machos e 5 fêmeas, 10/12/1975 (Col. DZ. UFRGS nº 00219); 2 machos, 21/11/1976, (Col. DZ. UFRGS nº 00216); todos coletados por L. Buckup. 7 machos e 12 fêmeas, 24/11/1962, Carlos Hartlieb col. (Col. MFZB nº 00264); 1 macho de Porto Alegre, provavelmente do mesmo Arroio Dilúvio, sem data, G. Fernandes col., (Col. MFZB nº 00265).

Observações: A presença de *A. platensis* no Estado do Rio Grande do Sul foi sugerida, pela pri-

meira vez, pelo próprio autor da espécie (Schmitt, 1942: 464). Em nota de rodapé, Schmitt declara: “This figure of Rudolfo von Ihering is original and is undoubtedly based on one of a lot of specimens collected by his father Hermann von Ihering, in the State of Rio Grande do Sul (collector’s N° 619). The Rio Grande do Sul record given under ‘Distribution’ of *A. platensis* below is also based on a specimen from that lot of material, presented to the U.S. National Museum by Dr. H. von Ihering in 1915. A comparison of this specimen and the figure convinces me that *A. platensis* is the species represented”. O referido autor, no caso, examinara a figura que Ihering incluía em seu “Atlas da fauna do Brasil” com a indicação de *Aegla laevis*. Esta figura, que foi posteriormente reproduzida no “Dicionário dos Animais do Brasil” (1940), do mesmo autor, deixa bem claro de que se trata realmente de *A. platensis* Schmitt, 1942. A exata procedência deste material, no entanto, nunca se tornou conhecida embora se possa suspeitar que se trate de São Lourenço ou da Foz do Rio Camaquã, na Lagoa dos Patos, zonas onde Ihering coletou intensamente. Todas as citações posteriores de Ringuelet (1949b, 1959) para o “Rio Grande do Sul” estão apoiadas na referida observação de Schmitt. Kleerekoper (1955) registra a ocorrência de *Aegla platensis* Schmitt, 1942 nos rios (Cornelius e São Pedro) que ligam as lagoas costeiras do nordeste do Estado do Rio Grande do Sul, sem mencionar, no entanto, o destino do material coletado ou o especialista que determinou-lhe os exemplares. Aparentemente, *Aegla platensis* Schmitt, 1942 parece ter-se isolado nas bacias de água que correm para a área do Rio Guaíba ou parte norte da Lagoa dos Patos. Ela não foi encontrada nem no planalto nem nos arredores da Lagoa Mirim, ao Sul.

Aegla lenitica n. sp.

(Fig. 1)

Diagnose: Espécie pequena, carapaça aproximando-se mais da forma de telhado do que da forma convexa. Rostro fino e longo, em forma de estilete. Espinho orbital presente. Os três lobos hepáticos bem marcados, com espinhos. Margem anterior dos lobos protogástricos elevados, com escamas triangulares, dispostas de modo a formar os lados de um triângulo, com abertura posterior. A elevação da placa esternal com um pequeno espinho cônico. Epímero II com espinhos. Ísquio dos

quelípedes com dois espinhos no bordo ventral. As mãos, apresentam em sua margem lateral externa, dois a três espinhos mais desenvolvidos do que os outros.

Medidas: Holótipo macho: 14 mm (cefalotórax); exemplar maior: fêmea com 15 mm (cefalotórax).

Descrição: O cefalotórax é bastante convexo; suas margens laterais com pequenos espinhos, desde o sulco cervical até a linha interbranquial (linha que separa a área branquial anterior da posterior). Rostro longo ultrapassando os pedúnculos oculares uma vez o comprimento da córnea, terminando por um espinho agudo, carenado em todo o seu comprimento. Posteriormente, a carena não ultrapassa as margens anteriores dos lobos protogástricos; é acompanhada por cerdas e nos exemplares maiores, observa-se uma fileira irregular de escamas transparentes, que pode desaparecer antes de alcançar a extremidade do rostro ou continuar em série única. Proeminências epigástricas levemente marcadas; a margem anterior dos lobos protogástricos salienta-se terminando por escamas triangulares, envoltas por um montículo de cerdas. O espinho maior deste lobo forma o ápice do ângulo. Espinhos ântero-laterais finos e longos, alcançando a margem posterior da córnea; espinhos orbitais presentes. Todos os três lobos hepáticos bem assinalados; o primeiro apresenta um espinho anterior desenvolvido e o segundo, com um espinho menor do que o primeiro e maior do que o terceiro.

Ângulo ântero-lateral dorsal do epímero II armado com um pequeno espinho cônico.

A primeira placa esternal (região ventral situada entre os quelípedes) com uma forte elevação longitudinal mediana, que se projeta anteriormente, formando um pequeno espinho cônico, cuja forma e dimensões são semelhantes aos espinhos dos ângulos ântero-laterais do epímero II.

Cerdas estão presentes em todas as regiões do animal, com disposição, abundância e comprimentos variados. Sobre a carapaça, as cerdas são pequenas e emergem freqüentemente em grupo de duas ou três do interior das pontuações rasas que caracterizam toda a superfície dorsal do tórax. Junto às margens e mais particularmente ao redor dos lobos espinhosos da região hepática, bem como junto aos ângulos ântero-laterais da carapaça, as cerdas se tornam um pouco mais longas e robustas. Na região esternal as cerdas se alinham ao longo da margem anterior dos segmentos. Um tufo

formado por cerdas bem mais longas, emerge da extremidade anterior da primeira placa esternal, logo abaixo do espinho. Nos quelípedes, as cerdas são especialmente longas e aparentemente mais robustas; as maiores localizam-se ao longo da margem interna anterior de todos os segmentos, agrupando-se ao redor dos lobos espinhosos da crista palmar, da crista carpal e dos espinhos da margem dorsal do mero. Sobre o dedo móvel, as cerdas são mais abundantes do que sobre o dedo fixo. Ao longo da margem interna dos dedos, tanto dorsal como ventralmente, as cerdas estão arrançadas em séries longitudinais de tufos, integrados cada um, por duas ou mais cerdas. Nas demais regiões dos quelípedes, são menores e dispostas por vezes em séries longitudinais. Nas patas ambulatórias, são mais numerosas sobre os dedos, arrançadas aproximadamente em séries longitudinais, ao longo das margens dorsais do propodo e do carpo. Cerdas um pouco mais longas reúnem-se ao redor dos espinhos das extremidades distais dos segmentos. Nas outras regiões das patas ambulatórias, ocorrem algumas cerdas menores, irregularmente arrançadas em séries longitudinais.

Mãos de contorno ovalado. Dedo fixo dotado de um lobo interno; o dedo móvel apresenta no lado externo, próximo a base, um lobo com um ou mais espinhos. Margem externa da palma espinhosa, sempre com dois ou três espinhos mais desenvolvidos. Crista palmar pouco desenvolvida, geralmente com dois espinhos, ocasionalmente três. Crista carpal formada por dois lobos que terminam em fortes espinhos acuminados; pode ocorrer a presença de um terceiro espinho menor, junto a base da crista. Lobo interno anterior do carpo com um espinho, semelhante em tamanho, ao primeiro espinho que forma a crista carpal. A margem superior do carpo, em geral, com uma elevação longitudinal simples ou dupla. A elevação mais próxima à crista carpal salienta-se acima da superfície do carpo; nos exemplares maiores com fortes espinhos, os anteriores mais desenvolvidos. Em outros, os lobos apresentam aglomerados de escamas agudas e cerdas. Sobre a superfície dorsal do mero dos quelípedes destaca-se uma série irregular de espinhos, que distalmente aumentam de tamanho. A margem interna do mero dos quelípedes apresenta um espinho pontiagudo; na margem externa ocorrem dois espinhos. Margem ventral interna do ísquio dos quelípedes com forte espinho situado distalmente. Pode ocorrer um segundo, menor, na região

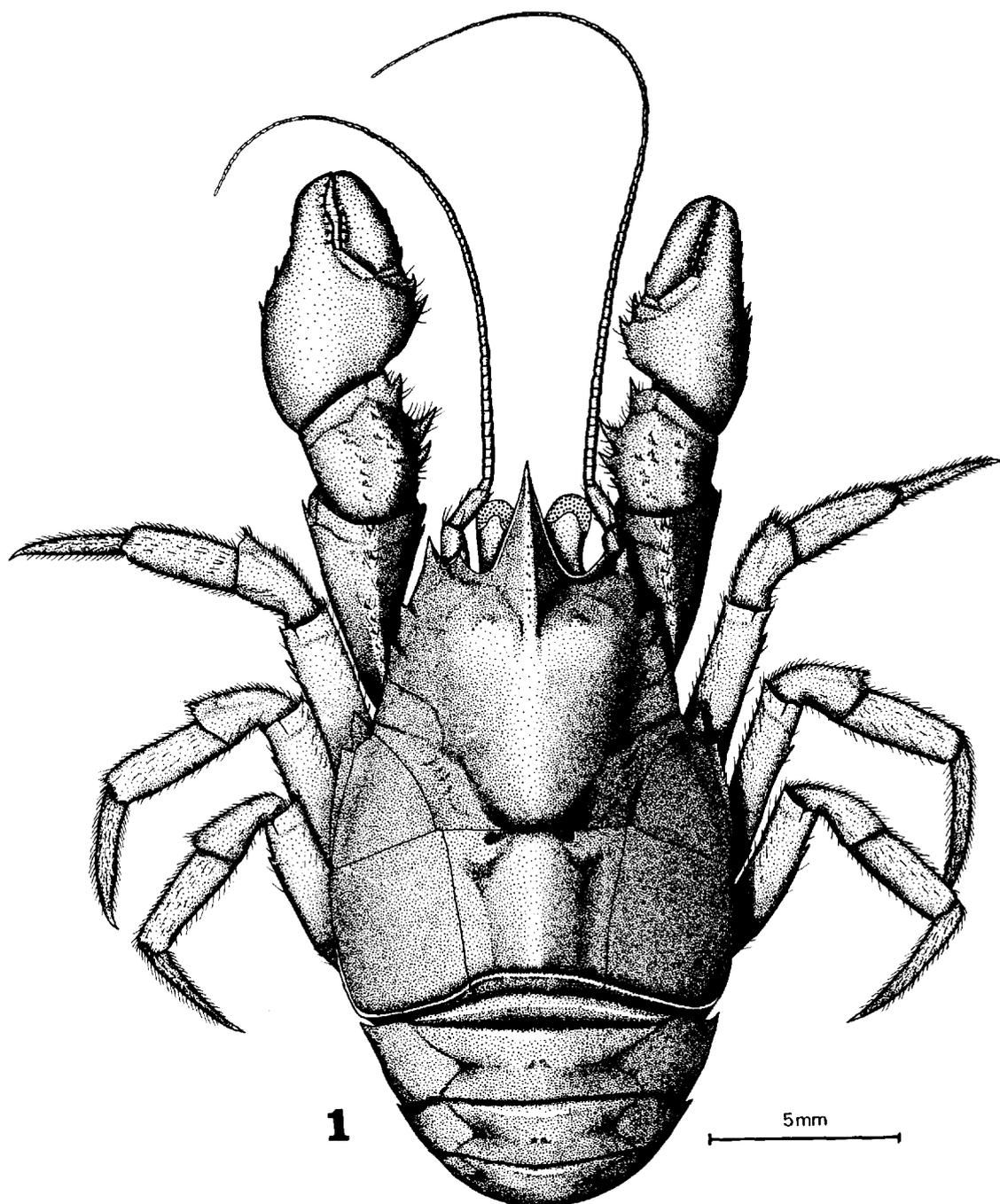


Fig. 1 – *Aegla lenitica* n. sp., holótipo, macho.

proximal. Mero das patas ambulatórias, com dois espinhos na zona distal da margem ventral posterior, um deles próximo da membrana articulante; um ou dois espinhos no ângulo dorsal na extremidade distal do carpo.

Localidade típica: Banhado do Taim, Município de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil.

Holótipo: Macho, Taim, Município de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil, 9.6.1975, A. Rossi col. (Col. DZ. UFRGS, nº 00087H).

Parátipos: Dez machos e quatorze fêmeas, Banhado do Taim, Município de Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil, 9.6.1975, A. Rossi col. (Col. DZ. UFRGS, nº 00087P). Uma fêmea, Pelotas,

Rio Grande do Sul, Brasil, 6/1962, R. Baltar col. (Col. MFZB, nº 00269).

Discussão: *Aegla lenitica* n. sp. aproxima-se de *Aegla prado* Schmitt, 1942, do Uruguai, e de *Aegla singulares* Ringuelet, 1949, da Argentina. Está mais relacionada com *Aegla prado*, apresentando muitas características em comum, principalmente o epímero II armado, a margem ventral interna do ísquio, os lobos protogástricos levantados e angulados, o primeiro mero ambulatório e a placa esternal. *Aegla lenitica* n. sp., no entanto, não apresenta o mesmo prolongamento posterior da carena de *Aegla prado*. Além disto, o rostro de *A. lenitica* e *A. prado*, apresentam sensíveis diferenças: em *A. lenitica* n. sp., visto o rostro de perfil, nota-se que a parte ventral é maior do que a parte dorsal. Na comparação com *A. singulares* verifica-se que *A. lenitica* n. sp. apresenta lobos protogástricos angulados, seios extra-orbitais menos largos, lobo armado no dedo móvel menos desenvolvido e a placa esternal com espinhos.

Aegla plana n. sp.

(Fig. 2)

Diagnose: Carapaça pouco convexa, tendendo mais para a forma plana. Rostro carenado até o ápice. Crista carpal destacando-se pela presença de um ou dois espinhos pequenos, desiguais, localizados entre o ângulo anterior interno do carpo e o primeiro espinho maior que forma a crista carpal propriamente dita. Epímero II inerme.

Medidas: Exemplar maior, macho (holótipo): 20 mm (cefalotórax).

Descrição: Carapaça mais plana do que convexa. No detalhe, verifica-se que a carapaça está coberta por numerosas pontuações pouco profundas, principalmente sobre a região gástrica e a auréola. Rostro intermediário entre o tipo deprimido e o elevado, de perfil superior reto, triangular e curto, mal ultrapassando o extremo dos olhos. A carena rostral é marcada, na base, por escamas pequenas irregularmente colocadas; na altura do seio orbital, as escamas tornam-se maiores, atingindo o ápice do rostro com disposição alternada, ou ainda, em série única ou dupla. Espinho ântero-lateral da carapaça curto e triangular; espinho orbital pequeno, mas bem definido. O declive que se observa na maioria das espécies a partir da margem anterior dos lobos protogástricos na direção das órbitas, nesta espécie é bastante modesto, de forma que a

carapaça segue quase plana até as órbitas. A margem anterior dos lobos protogástricos e as mal perceptíveis proeminências epigástricas são destacadas por algumas escamas irregulares de aspecto microvesicular. Primeiro lobo hepático bem definido por um pequeno espinho; segundo e terceiro lobos hepáticos não muito nítidos.

Ângulo anterior dorsal do epímero II inerme.

Placa esternal, entre os quelípedes, com a margem anterior suavemente projetada.

As cerdas estão distribuídas sobre as patas ambulatórias, à semelhança de *A. lenitica*. Faltam nas outras regiões do corpo, por tratar-se de material antigo, conservado há vários anos em álcool.

Todas as superfícies dos quelípedes e parte das patas ambulatórias revelam uma cobertura formada por numerosas e pequenas escamas tuberculiformes. No dorso dos segmentos das patas ambulatórias, estas escamas se tornam mais densas alternando com numerosas microcerdas. Mãos globosas e infladas. Dedo fixo sem lobo definido na margem preensível. Dedo móvel com um pequeno lobo na margem externa próxima a base, destacado por algumas escamas tuberculiformes mais robustas. Crista palmar recortada em três ou quatro dentes ou lobos, quase serrada. Cada um destes dentes revela-se coberto por três a quatro pequenos espinhos os quais, embora maiores, lembram as escamas tuberculiformes que cobrem a superfície da palma. A elevação da face dorsal do carpo dos quelípedes acompanhando a curvatura da crista carpal, pouco nítida; destaca-se pela presença de pequenos aglomerados ou de séries oblíquas de pequenas escamas tuberculiformes, um pouco maiores do que aquelas da superfície restante do carpo. Ângulo anterior interno do carpo formado por um espinho maior, acompanhado por um ou dois menores em sua borda lateral. Em todos os exemplares encontramos entre o ângulo anterior interno do carpo dos quelípedes, e o primeiro espinho que arma a crista carpal um ou dois espinhos menores subiguais. Este detalhe pode ser observado no quelípede esquerdo, às vezes no direito, ou ainda em ambos. Margem dorsal do mero dos quelípedes, com uma série regular de espinhos que diminuem à medida que se aproximam da base. Margem ventral interna do ísquio dos quelípedes com um a cinco cones obtusos, o distal sempre presente.

Localidade típica: Arroio D. Pedro, limite entre os municípios de São Francisco de Paula e Tainhas, Rio Grande do Sul, Brasil.

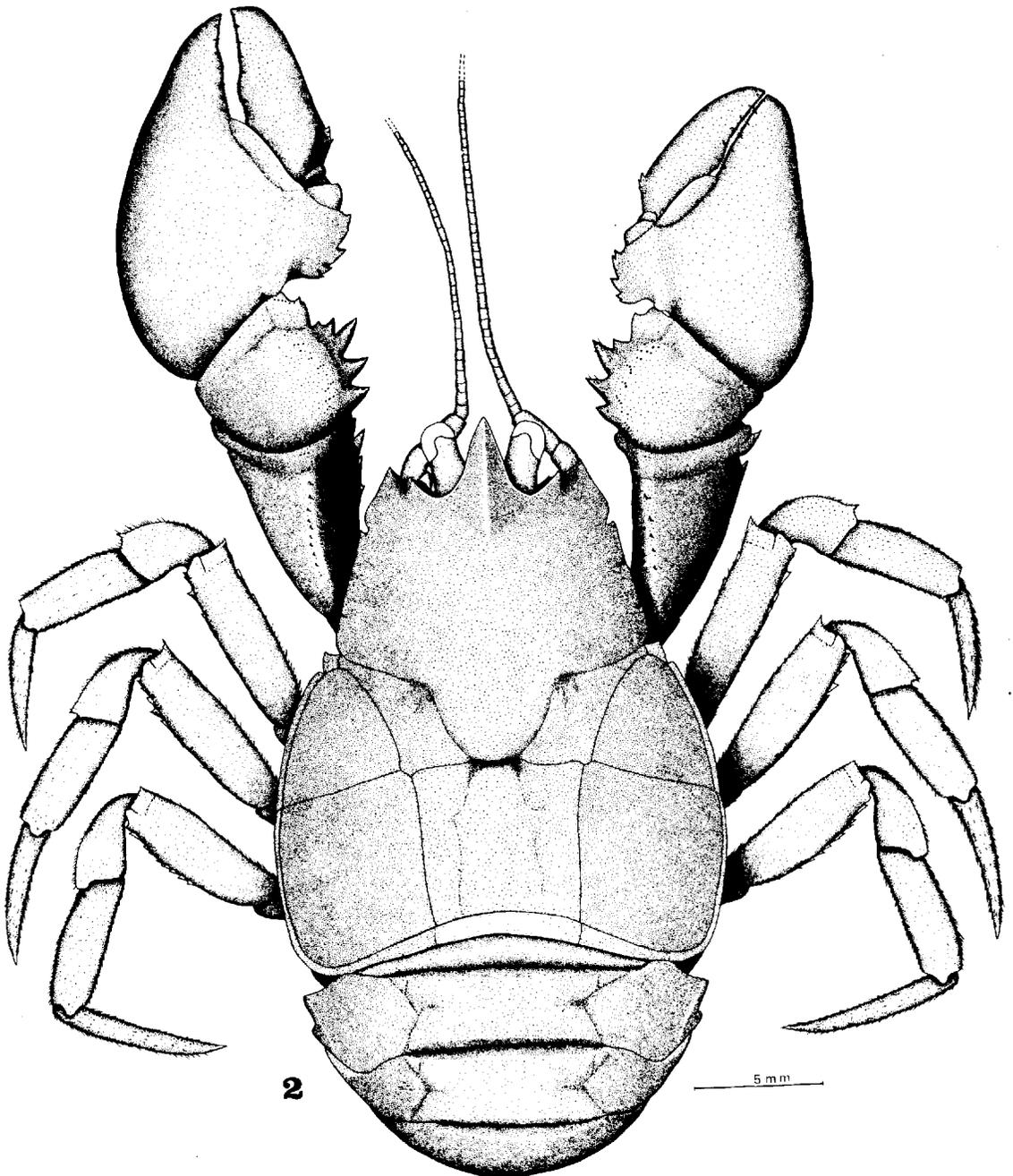


Fig. 2 – *Aegla plana* n. sp., holótipo, macho.

Holótipo: Macho, Arroio D. Pedro, entre os municípios de São Francisco de Paula e Tainhas, Rio Grande do Sul, Brasil. 5.1.1961. C. Volkmer col. (Col. DZ. UFRGS, nº 00086H.).

Parátipos: um macho e seis fêmeas; Arroio D. Pedro, limites entre os municípios de São Francisco de Paula e Tainhas Rio Grande do Sul, Brasil.

5.1.1961. C. Volkmer col. (Col. DZ. UFRGS, nº 00086 P).

Discussão: *Aegla plana* n. sp. assemelha-se a *Aegla franciscana* n. sp., principalmente quanto à crista carpal. Ambas apresentam um ou dois espinhos entre o primeiro lobo carpal e o espinho maior da série que arma a crista. As duas asseme-

lham-se quanto à carapaça mais plana do que convexa. Entretanto, são facilmente diferenciadas quanto aos espinhos que armam o ângulo interno do carpo, que nesta espécie é formado geralmente por dois pequenos e em *A. franciscana* n. sp. um único bem desenvolvido. Diferenciando-se ainda quanto à carena, que em *A. plana* n. sp. sempre se prolonga até o ápice do rostró; o epímero II de *A. plana* n. sp. é inermes.

Aegla serrana n. sp.

(Fig. 3)

Diagnose: Espécie grande. Carapaça aparentemente lisa. Altura do rostró, abaixo da margem lateral, muito maior do que a altura acima desta margem. Ângulo anterior dorsal do epímero II sempre desarmado e de contorno arredondado. Placa esternal, entre os quelípedes, plana. Margem ventral interna do ísquio do quelípede esquerdo não apresenta mais que quatro pequenos lobos tuberculiformes.

Medidas: Holótipo macho: 26 mm (cefalotórax); exemplar maior, macho: 40 mm (cefalotórax).

Descrição: Carapaça com aparência lisa e brilhante, embora se observe em toda a região dorsal, bem como nos quelípedes, escamas microvesiculares que emergem, cada uma, do interior de pequenas depressões circulares. A pronunciada convexidade da carapaça, principalmente na região gástrica, deixa as margens anteriores dos lobos protogástricos pouco diferenciados; apenas os lobos epigástricos apresentam-se levemente ondulados. No rostró, em vista lateral, ao nível da margem anterior da córnea, a altura dorsal da carena (acima da margem lateral do rostró) é muito menor do que a altura abaixo desta margem. Sua forma, vista de cima, é aproximadamente triangular. A carena prolonga-se até o extremo anterior, separando as zonas laterais, côncavas do rostró. Na parte basal do rostró a carena é marcada com uma fila dupla de escamas microvesiculares um pouco maiores do que aquelas que cobrem a parte restante da carapaça; no terço distal as escamas parecem maiores, mais elevadas, tornando-se triangulares, atingindo o ápice do rostró em série simples ou dupla. Espinho ântero-lateral da carapaça curto, chegando até o nível da margem posterior da córnea; o espinho orbital bastante reduzido, marcado, no máximo, por uma pequena escama córnea, delimitando um seio extra-orbital pouco profundo. O seio

orbital nos exemplares grandes tende mais para a forma em V do que U. Somente o primeiro lobo hepático é bem visível, percebendo-se, sobre o ângulo ântero-lateral, algumas escamas semelhantes àquelas do rostró. O segundo e o terceiro lobo hepático podem estar levemente indicados por modestos entalhes laterais. A placa esternal entre os quelípedes é totalmente plana, notando-se, como única diferenciação, uma série anterior transversal de cerdas. Ângulo anterior dorsal do epímero II de contorno arredondado.

A distribuição das cerdas não se afasta das características do gênero.

Mãos moderadamente grandes e infladas. Não há lóbulo externo no dedo móvel, próximo à base. Dedo fixo com lóbulo interno na margem preênsil. Crista palmar bem formada, de aspecto serrilhado; no detalhe, percebe-se que a crista é formada por vários lóbulos dentiformes, encimados por uma série de minúsculos espinhos coniformes. A elevação longitudinal da face dorsal do carpo é marcada pelas escamas microvesiculares que se dispõem em séries oblíquas, formadas por três a seis unidades. Ângulo ântero-lateral interno do carpo dos quelípedes geralmente com três pequenos espinhos tuberculiformes de tamanho subigual. Em dois exemplares examinados, o primeiro espinho da crista carpal é duplo. A margem dorsal do mero dos quelípedes é formada por uma série de tubérculos, que levam de uma a cinco escamas espiniformes. Nos exemplares maiores, estas séries de escamas podem alongar-se, invadindo a face interna do segmento, junto à articulação com o carpo. Margem ventral interna do ísquio com três a quatro tubérculos que terminam, em geral, por um minúsculo espinho cônico.

Localidade típica: Barragem do Salto, Município de São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil.

Holótipo: Macho, Barragem do Salto, Município de São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil, 4.11.1962, L. Backup col. (Col. MFZB, nº 00506H).

Parátipos: sete machos e duas fêmeas, Barragem do Salto, São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil, 4.11.1962, L. Backup col. (Col. MFZB, nº 00309P); um macho e duas fêmeas, Município de São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil, 2/1960, J.W. Thome col. (Col. MFZB nº 00270); um macho, Município de São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil, 9.11.1956,

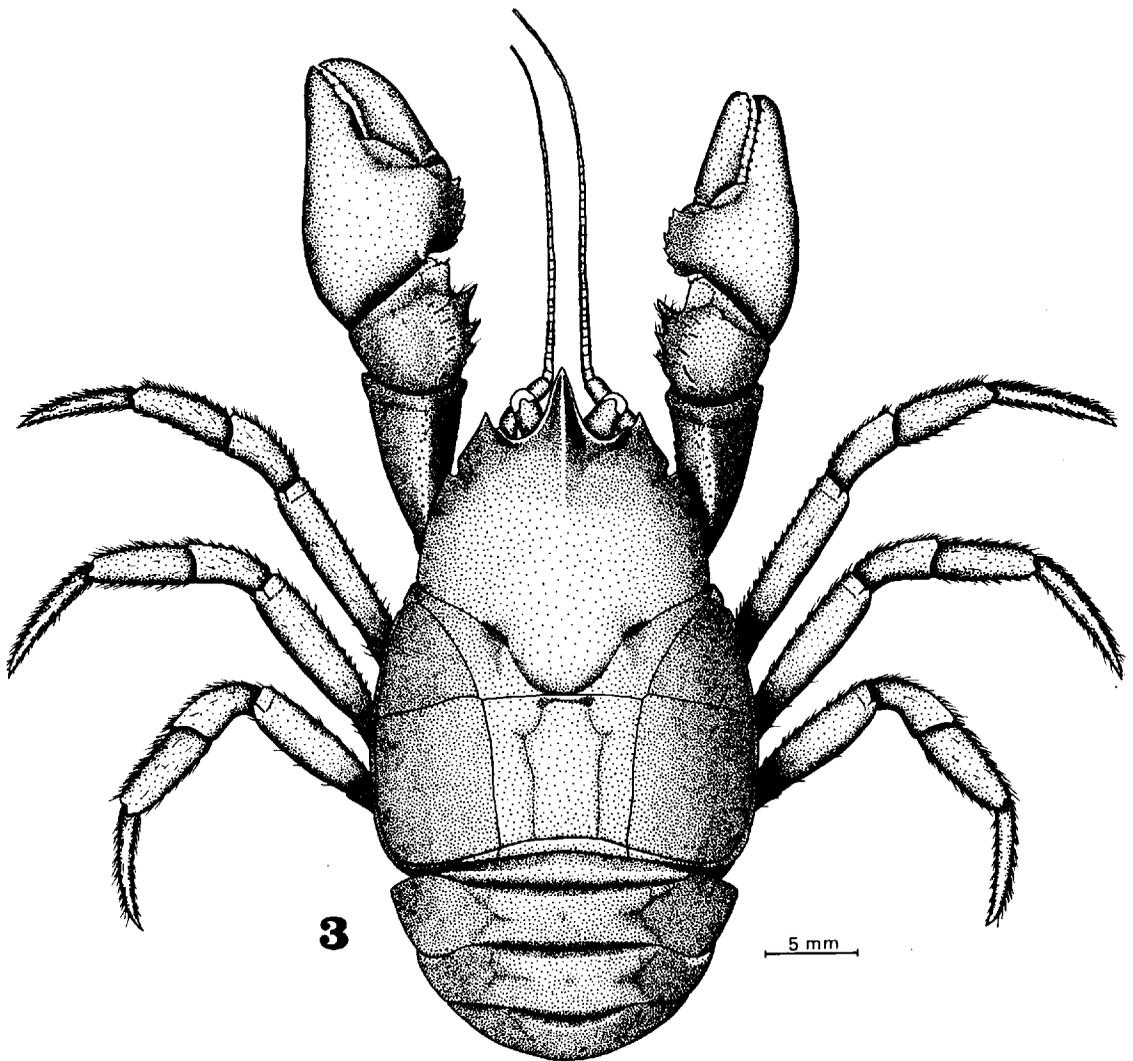


Fig. 3 – *Aegla serrana* n. sp., holótipo, macho

T. Lema col. (Col. MFZB nº 00261); uma fêmea, Taimbezinho, Município de Cambará do Sul, Rio Grande do Sul, Brasil, 12.4.1973, J.W. Thome col. (Col. MFZB, nº 00260); um macho, Barragem do Salto, Município de São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil, 3.5.1975, J. Mariath col. (Col. DZ. UFRGS, nº 00090); um macho, Barragem do Salto, São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil, 20.9.1960, C. Volkmer col. (Col. DZ. UFRGS, nº 00091).

Discussão: O esquema de divisão em grupos proposto por Schmitt (1942) em sua chave minuciosa, colocaria *A. serrana* n. sp. na proximidade de *A. neuquensis*, portanto, na vizinhança de *A. neuquensis neuquensis* e *A. neuquensis affinis* defi-

nidas por Ringuélet, em 1949. No entanto, existem flagrantes diferenças: em *Aegla serrana* n. sp. a porção inferior do rostro, abaixo da margem lateral, é muito maior; a face dorsal do carpo apresenta uma única linha de elevação com escamas; o seio extra-orbital está presente, embora não sugira uma forma em *V. Aegla serrana* n. sp. lembra, em alguns caracteres, *Aegla humahuaca* Schmitt, 1942, principalmente quanto ao ângulo ântero-lateral do primeiro lobo hepático, as proeminências protogástricas e epigástricas pouco marcadas, a falta de um lobo na base do dedo móvel, os tubérculos que formam a crista carpal, e o ângulo anterior interno do carpo. Entretanto, *Aegla serrana* n. sp. pode ser facilmente diferenciada de *Aegla*

humahuaca pelo epímero II, pelo ísquio dos quelípedes, pelo lobo na margem preênsil do dedo fixo e pela forma rostral.

***Aegla camargoi* n. sp.**

(Fig. 4)

Diagnose: Espécie fortemente espinhosa. Carapaça com pouca convexidade, rostro triangular; margem lateral do rostro com uma série de finos espinhos. Lobos protogástricos marcados por algumas escamas, cuja disposição sugere um contorno arqueado. Ísquio dos quelípedes com três a cinco espinhos pequenos na margem ventral interna. Mero das patas ambulatórias com uma série de espinhos bem desenvolvidos, longitudinalmente distribuídos ao longo das margens dorsais e ventral-posteriores.

Medidas: Holótipo macho: 15 mm (cefalotórax); exemplar maior: fêmea 17 mm (cefalotórax).

Descrição: Carapaça levemente convexa. Rostro triangular, ápice agudo, ultrapassando os pedúnculos oculares não mais do que o comprimento da córnea. A altura do rostro, em vista lateral, ao nível da margem anterior da córnea, abaixo da margem lateral, é maior ou igual à região situada acima desta margem. A carena rostral desaparece antes de alcançar o ápice. O rostro é percorrido em suas margens laterais por uma série de finos espinhos. A disposição das escamas sobre a carena rostral é bastante variada, formando séries simples, duplas, ou ainda, seqüências irregulares, principalmente junto à base; junto ao ápice, no entanto, as escamas formam uma série simples que termina por verdadeiros espinhos. Margem lateral da carapaça, atrás do sulco cervical, espinhosa. Espinho

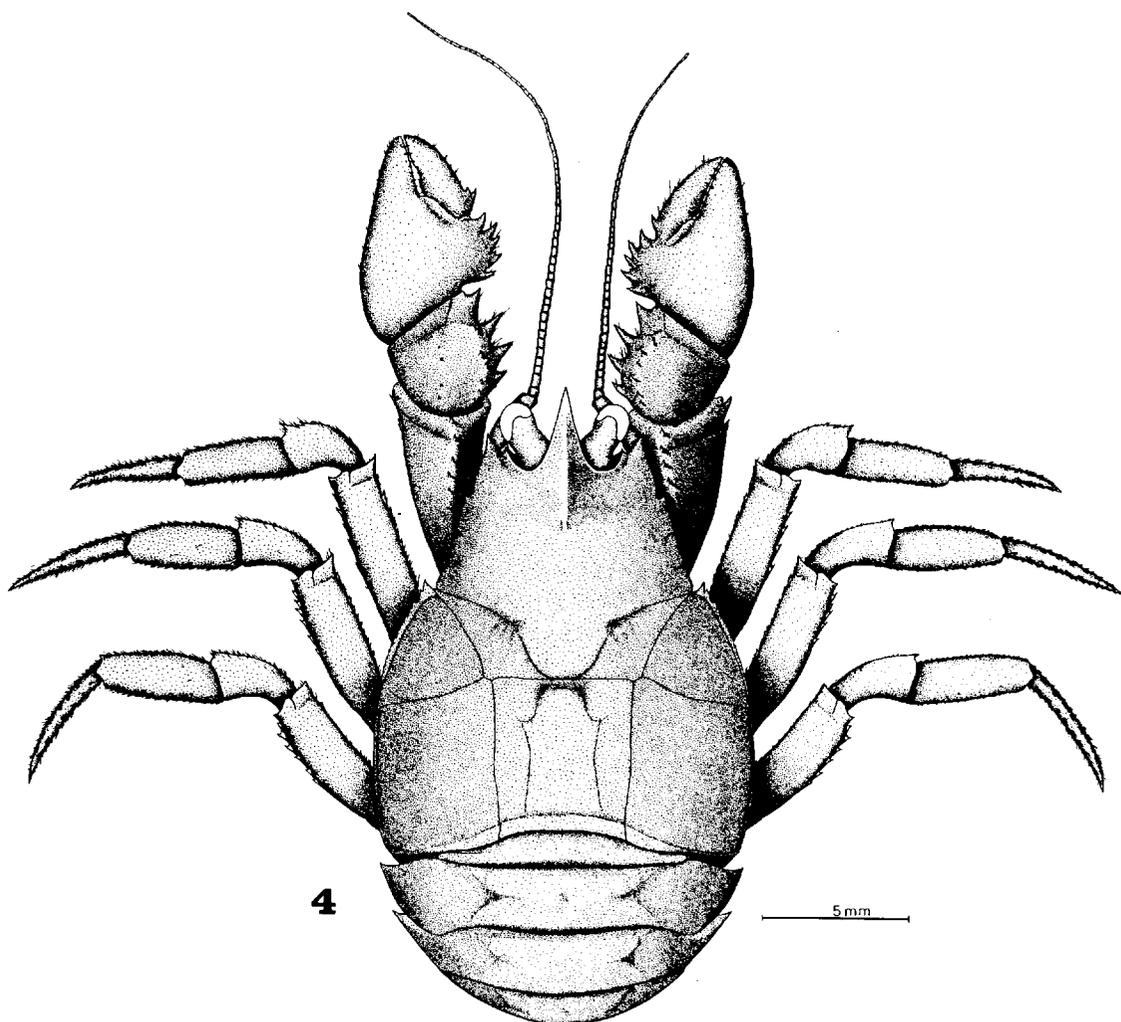


Fig. 4 — *Aegla camargoi* n. sp., holótipo, macho

ântero-lateral da carapaça longo, ultrapassando a margem posterior da córnea, formando como espinho orbital um seio extra-orbital em forma de V. Primeiro lobo hepático com um único espinho; no segundo e no terceiro o espinho é menor, pouco conspícuo ou ausente. Proeminências epigástricas marcadas por suaves ondulações; margem anterior das elevações protogástricas definidas, apenas, pela presença de escamas que formam um arco irregular de abertura posterior.

Ângulo anterior dorsal do epímero II, normalmente inerte, às vezes com um espinho diminuto.

Placa esternal, entre os quelípedes, às vezes com uma pequena elevação no centro da margem anterior, sem espinhos ou escamas.

A distribuição das cerdas não se afasta das características do gênero, faltando apenas os tufo sobre a carapaça.

Mãos pequenas, pouco infladas, dedos cobertos por espinhos curtos e agudos, palma áspera, com pequenos espinhos obtusos. Dedo fixo sem lobo na margem preênsil; dedo móvel com um lobo localizado na base externa e que termina por um espinho bem desenvolvido. Crista palmar de contorno arredondado, com quatro a cinco lobos que terminam por fortes espinhos. Um dos lobos pode estar desdobrado em dois. Face dorsal do carpo com duas elevações: a que está mais próxima da crista carpal acompanha a sua curvatura, salientando-se por uma série de tubérculos cônicos de ápice espinhoso; a outra, percorrendo o meio da face carpal, é menos nítida e possui tubérculos espinhosos bem menores. Ângulo anterior interno do carpo com um único e robusto espinho. Crista carpal com três lobos armados; um quarto lóbulo espinhoso menos desenvolvido na base da crista carpal. Margem dorsal do mero dos quelípedes com uma série de espinhos fortes. Mero das patas ambulatórias com a margem dorsal e ventral posterior espinhosa, bem como a margem dorsal do primeiro carpo ambulatório. Margem ventral interna do ísquio dos quelípedes com três a cinco pequenos espinhos.

Localidade típica: Rio Silveiras, Município de Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brasil.

Holótipo: Macho, Rio Silveira, Município de Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brasil, 24.10.1975, O. Camargo col. (Col. DZ. UFRGS, nº 00119 H).

Parátipos: Cinco machos e cinco fêmeas, Rio Silveiras, Município de Bom Jesus, Rio Grande do

Sul, Brasil, 24.10.1975, O. Camargo col. (Col. DZ. UFRGS, nº 00119 P).

Discussão: *Aegla camargoi* n. sp. e *A. leptodactyla* n. sp. são simpátricas e apresentam algumas características em comum: a coloração vermelha escura, os espinhos do mero e do carpo dos quelípedes e a margem da carapaça. No entanto, são distintas quanto ao sinus extra-orbital que em *A. camargoi* n. sp. é mais estreito, tendendo mais para a forma de um V. Diferem ainda, principalmente, pela forma das mãos, que em *A. camargoi* n. sp. é mais inflada. Além disso *A. camargoi* n. sp. não apresenta o acentuado declive que caracteriza a carapaça de *A. leptodactyla* n. sp. na zona situada entre as proeminências protogástricas e as órbitas. A série de espinhos nas margens do mero das patas ambulatórias, lembra um detalhe de *A. parana* Schmitt, 1942, com a diferença de que em *A. camargoi* n. sp. os espinhos ocorrem tanto nas margens dorsais como ventrais posteriores.

Aegla leptodactyla n. sp.

(Fig. 5)

Diagnose: Margem lateral da carapaça, atrás do sulco cervical, denticulada. Lobos protogástricos fortemente elevados, com margens anteriores definidas por uma breve carena oblíqua. Carapaça com acentuado declive entre as proeminências protogástricas e as órbitas. Placa esternal, entre os quelípedes, com pequena elevação central anterior. Mãos finas e alongadas.

Medidas: Holótipo macho: 16 mm (cefalotórax); exemplar maior: fêmea, 22 mm.

Descrição: Carapaça fortemente convexa, principalmente na região gástrica e nos lobos protogástricos. Margem lateral da carapaça, atrás do sulco cervical, com denticulação nítida. Rostro em forma de telhado até 2/3 de sua porção livre, ápice em forma de estilete, ultrapassando os pedúnculos oculares, carenado até pouco adiante da base da córnea; trecho apical do rostro sem carena, tornando-se arredondado, para terminar em espinho agudo. Espinhos ântero-laterais da carapaça longos, não ultrapassando a base da córnea, formando com o espinho orbital um seio em U. Proeminências epigástricas marcadas por suave rugosidade. Os lobos protogástricos destacam-se por uma elevação da carapaça; a margem anterior de cada lobo protogástrico é definida por uma curta carena oblíqua, coberta por uma série de quatro a seis escamas semicirculares. Os três lobos hepáticos nítidos.

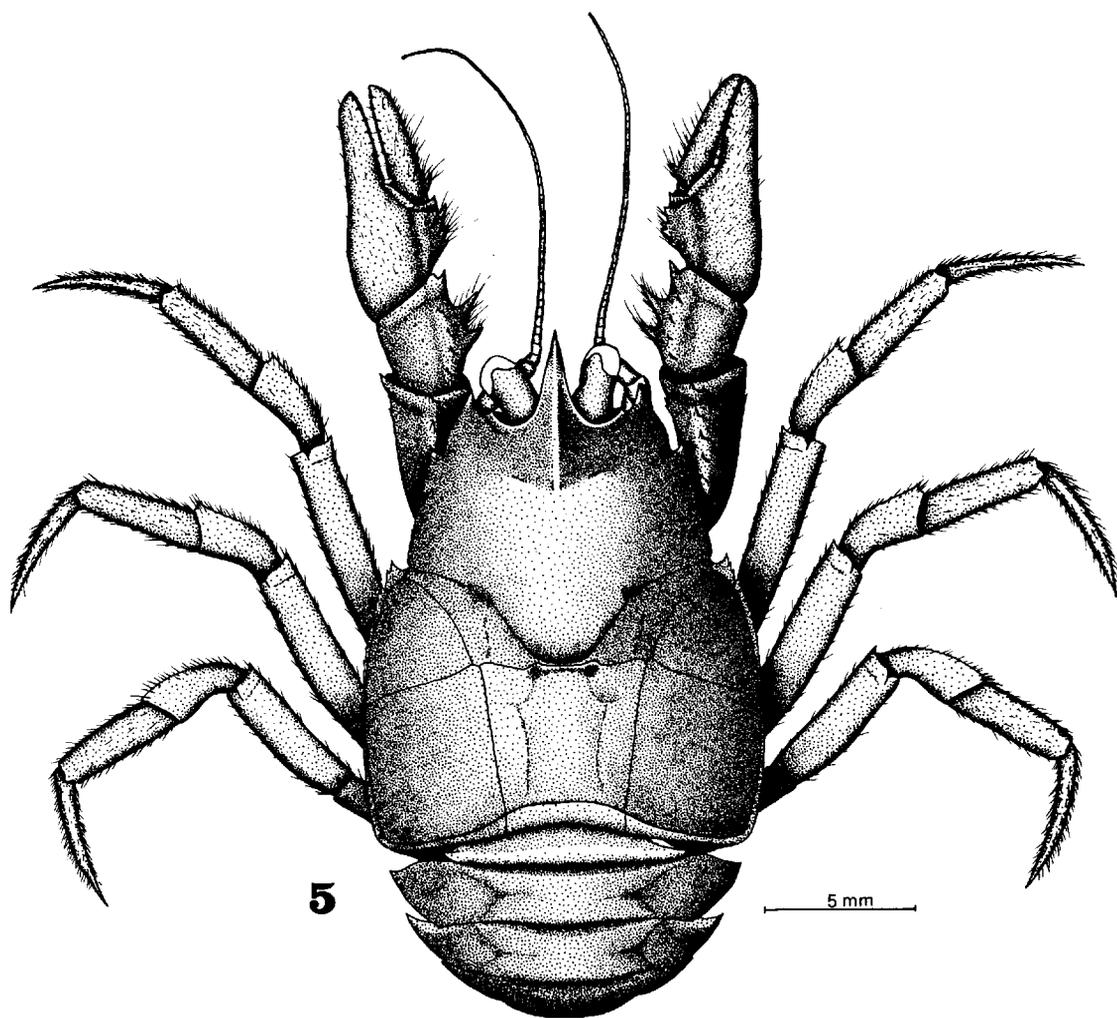


Fig. 5 — *Aegla leptodactyla* n. sp., holótipo, macho

dos, o primeiro com um espinho bem mais desenvolvido.

Ângulo anterior dorsal do epímero II normalmente desarmado, às vezes com um pequeno espinho.

Placa esternal, entre os quelípedes, com pequena elevação central anterior.

A distribuição das cerdas não se afasta das características do gênero.

Mãos finas, retangulares, sem engrossamento palmar. Sobre a palma distinguem-se linhas longitudinais de curtos espinhos. Longas cerdas predominam na face interna das mãos, concentrando-se principalmente na face externa do dedo móvel e logo abaixo da crista palmar. Face dorsal da palma com suave depressão longitudinal que une a zona de articulação do dedo móvel com a base do seg-

mento. Dedo fixo sem lobo interno na margem preênsil. Dedo móvel com lobo bem formado na margem externa próxima à base, culminando com um ou dois espinhos. Crista palmar com quatro espinhos fortes; freqüentemente, um destes apresenta-se desdobrado em dois. Face dorsal do carpo dos quelípedes com duas linhas longitudinais elevadas; a que se encontra próxima à crista carpal é formada por lobos que terminam por espinhos robustos; a elevação interna, percorrendo o meio da face carpal, é menos nítida e dotada, apenas, de uma linha de aglomerados de pequenos tubérculos, espinhos e cerdas. As duas elevações longitudinais da face dorsal do carpo, delimitam uma depressão longitudinal, que sugere uma continuação da depressão da face dorsal da palma. Ângulo anterior interno do carpo com um espinho freqüentemente

tão desenvolvido quanto o primeiro da crista carpal. Margem dorsal do mero dos quelípedes, com uma série de espinhos progressivamente menores, à medida que se aproximam da extremidade basal do segmento. A duplicação de um espinho, tanto no dorso do mero como na crista carpal, ocorre com frequência. Mero das patas ambulatórias com as margens dorsais e trechos das margens ventrais posteriores espinhosas. Margem ventral interna do ísquio dos quelípedes com um a quatro pequenos espinhos.

Localidade típica: Rio Silveiras, Município de Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brasil.

Holótipo: Macho, Rio Silveiras, Município de Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brasil, 24.10.1975, O. Camargo col. (Col. DZ. UFRGS, nº 00117 H).

Parátipos: três machos e doze fêmeas, Rio Silveiras, Município de Bom Jesus, Rio Grande do Sul, Brasil, 24.10.1975, O. Camargo col. (Col. DZ. UFRGS, nº 00117 P).

Discussão: *Aegla leptodactyla* n. sp. lembra *A. denticulata* Nicolet, 1849, do Chile, pelos espinhos carpais e pelas denticulações na margem lateral da carapaça; distingue-se, no entanto, da espécie chilena, por todos os demais caracteres. Sua carapaça fortemente convexa, a forte espinulação dos quelípedes e as carenas que elevam as margens anteriores dos lobos protogástricos, permitem distinguir *A. leptodactyla* n. sp., facilmente, das outras espécies do gênero.

***Aegla franciscana* n. sp.**

(Fig. 6)

Diagnose: Carapaça mais plana do que convexa. O rostro não é carenado em todo comprimento; na porção distal a carena desaparece quase completamente. Epímero II com espinho em seu ângulo ântero-lateral dorsal. Espinho ântero-lateral da carapaça bastante desenvolvido e agudo; o orbital é formado apenas por uma pequena escama.

Ângulo lateral anterior interno do carpo dos quelípedes com espinho bem desenvolvido; entre este ângulo e o primeiro espinho da crista carpal, o maior da série, localizam-se um ou dois espinhos menores.

Medidas: Holótipo, macho, exemplar maior: 19 mm (cefalotórax).

Descrição: Carapaça levemente convexa. Margem lateral da carapaça logo atrás do sulco cervical, finamente denticulada.

O rostro, na metade proximal, com uma elevação; nesta mesma região a carena é assinalada por uma série de escamas grandes, triangulares e escuras, acompanhadas por outras, menores. Mais ou menos na metade da porção livre do rostro, a carena perde-se, desaparecendo quase completamente, observando-se apenas uma ou outra escama isolada; desta maneira, o rostro sofre um achatamento, perdendo a forma típica de telhado. Lobos epigástricos marcados por pequenas elevações; os protogástricos não são facilmente visualizáveis.

O espinho ântero-lateral da carapaça ultrapassa o nível da margem posterior da córnea; sinus extra-orbital bastante raso; não há propriamente um espinho orbital; o que se observa, são pequenas escamas que percorrem o sinus orbital até o local que corresponderia ao espinho orbital.

Primeiro lobo hepático com um único espinho acuminado; segundo e terceiro lobos modestamente marcados por uma pequena escama córnea.

Ângulo anterior dorsal do epímero II com um espinho obtuso.

Placa esternal, entre os quelípedes, plana.

A distribuição das cerdas parece seguir as características do gênero, embora se trate de material antigo, no qual a maioria das cerdas se perderam.

Mãos moderadamente infladas, dedo fixo com lobo interno na margem preênsil; dedo móvel com lóbulo pequeno, mas bem definido, no lado externo, próximo à base, com uma a seis pequenas escamas espiniformes.

Crista palmar formada por três a quatro lobos que terminam por espinhos, podendo haver outros, menos desenvolvidos.

A elevação longitudinal que acompanha, na face dorsal, a curvatura da crista carpal com montículos de escamas iguais, pontiagudas, semelhantes àquelas que ocorrem na margem externa dos dedos. Alguns exemplares levam espinhos agudos sobre estes lobos.

Ângulo ântero-lateral interno do carpo com um espinho principal, mais desenvolvido; próximo a esse ângulo observa-se outros espinhos menores. Nos machos, entre o referido ângulo e o primeiro espinho que arma a crista carpal, sempre ocorre a presença de um ou dois espinhos menores, sendo que o primeiro é menos desenvolvido. Entre os quatorze exemplares examinados, apenas três fêmeas apresentavam um só espinho reduzido.

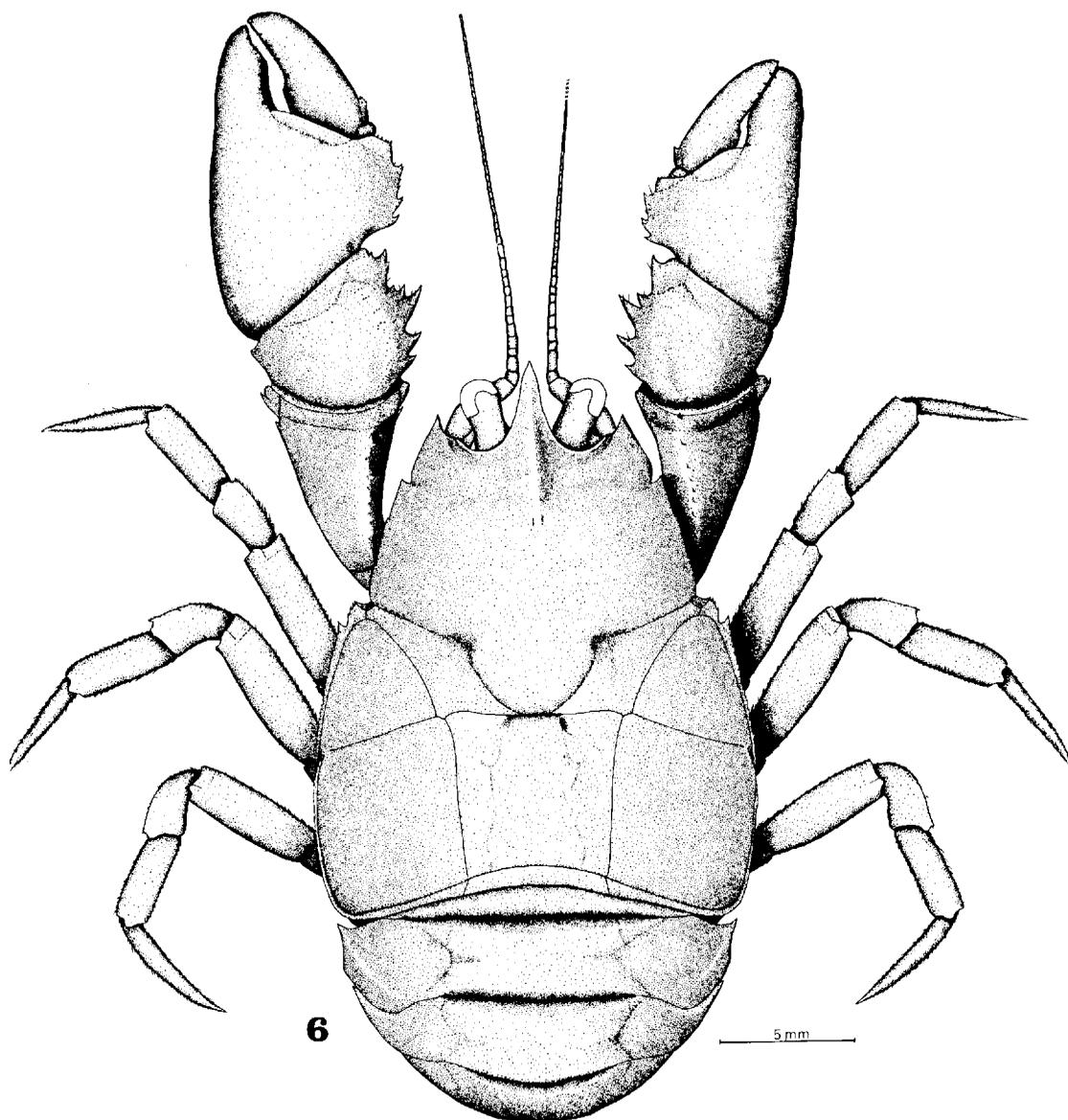


Fig. 6 – *Aegla franciscana* n. sp., holótipo, macho.

Margem dorsal do mero dos quelípedes com uma série de espinhos agudos que aumentam de tamanho na zona distal do segmento.

Mero da primeira pata ambulatória com um espinho no extremo distal de sua margem dorsal; o carpo, também em sua margem dorsal, com um espinho distal.

Margem ventral interna do ísquio dos quelípedes normalmente com dois ou quatro lóbulos que terminam por um espinho cônico; o distal sempre mais desenvolvido; os dois centrais faltam

na maioria dos exemplares examinados, restando, portanto, dois: o proximal e o distal.

Localidade típica: São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil.

Holótipo: macho, 5.1.1961, T. Lema col. (Col. MFZB, nº 00505 H).

Parátipos: três machos e dez fêmeas, São Francisco de Paula, Rio Grande do Sul, Brasil, 5.1.1961, T. Lema col. (Col. MFZB, nº 00262 P).

Discussão: *Aegla franciscana* n. sp. assemelha-se a *Aegla plana* n. sp. pela modesta convexidade

da carapaça e pela crista carpal.

Distinguem-se, entretanto, pelo ângulo anterior interno do carpo, que em *A. franciscana* n. sp. é formado por um único espinho e pelo epímero II, que é armado. Em *A. franciscana* n. sp. a carena rostral não é contínua, como em *A. plana* n. sp.

SUMMARY

In the present paper some historical and taxonomical problems concerning the genus *Aegla* in the State of Rio Grande do Sul, Brazil, are analysed. New records are given for *Aegla platensis* Schmitt, 1942 and six new species from the Rio Grande do Sul, State, Brazil, are described and illustrated: *Aegla lenitica* n. sp., *Aegla plana* n. sp., *Aegla serrana* n. sp., *Aegla camargoi* n. sp., *Aegla leptodactyla* n. sp. and *Aegla franciscana* n. sp.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAHAMONDE, N. N. & LOPEZ, M. T., 1963, Decapodos de águas continentales en Chile. *Invest. zool. chil.*, 10: 128-149.
- IHERING, R. von, 1917, *Atlas da fauna do Brasil*, 37 p.
- KLEERKOPER, H., 1955, Limnological observations Northeastern Rio Grande do Sul, Brasil. *Arch. Hydrobiol.*, 50, (3/4): 553-567.
- MARTENS, E. von, 1869, Südbrazilianische Süß- und Brackwasser Crustaceen nach den Sammlungen d. Dr. Reinh. Hensel. *Arch. Naturg.*, 35 (I): 1-37, lá. 1-2.
- MOREIRA, C., 1901, Crustaceos do Brasil. *Arch. Mu. Nac. Rio de Janeiro*, 11: 1-151, pls. 1-5.
- ORTMANN, A. E., 1902, The geographical distribution freshwater Decapods and its bearing upon ancient geography. *Proc. Amer. Phil. Soc.*, 41: 267-40 figs. 1-8.
- RINGUELET, R. A., 1948, Una nueva *Aegla* del Nordeste Argentino. *Notas Mus. La Plata*, 13 Zool. (111) 203-208.
- RINGUELET, R. A., 1949a, Los cangrejos argentinos del genero *Aegla* de Cuyo y la Patagonia. *Rev. Mus. La Plata*, 5 Zool. (34): 297-349.
- RINGUELET, R. A., 1949b, Los Anomuros del genero *Aegla* del noroeste de la Republica Argentina. *Rev. Mus. La Plata*, 6 Zool. (36): 1-45.
- RINGUELET, R. A., 1959, Notas sobre *Aegla* de Argentina y Paraguai. *Physis*, 21 (61): 231-239.
- SCHMITT, W. L., 1942, The species of *Aegla*, endemic South American freshwater crustaceans. *Proc. U. S. natn. Mus.*, 91: 431-520.
- TURKAY, M., 1972, Neue Höhlendekapoden aus Brasilien (Crustacea). *Rev. Suisse Zool.*, 79 (1), (15): 41-418.